

3 Objetivo do Capítulo

O objetivo deste capítulo é o de apresentar o trabalho de campo que se dá, sobretudo, diante da reivindicação dos moradores das comunidades quilombolas Sobara e Prodígio (Araruama/RJ) que lutam pela regularização fundiária de suas terras, amparadas pelo artigo 68 do ADCT da Constituição Federal de 1988. Sabemos que o processo administrativo para identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação, titulação e registro das terras quilombolas passa pelo cumprimento de várias etapas normativas, o que tem se mostrado um processo longo e muito burocratizado.

Neste capítulo entrevistamos os moradores de Sobara e Prodígio, os representantes religiosos das duas comunidades, a diretora da escola de Sobara, o responsável técnico por estas comunidades no INCRA-RJ (órgão responsável pelo processo de titulação das comunidades remanescentes de quilombo) a fim de buscar entender os limites e entraves enfrentados por estas comunidades para a regularização fundiária de suas terras.

3.1.

O Histórico da Comunidade Quilombola Sobara

A ocupação sistemática e o desenvolvimento de grandes propriedades rurais ocorreram a partir de 1860. Foi quando começaram a aparecer registros sobre a presença de proprietários de terras e escravos na região, neste período a população começou a aumentar e por consequência as atividades agrícolas também, registrando a presença de fazendas de café, engenhos produtores de aguardente e açúcar e olarias¹.

Dentre as grandes propriedades rurais de São Vicente de Paula nesse período, a fazenda Sobara era uma das que se destacava, pertencia ao

¹ Dados do Relatório Técnico Social de Sobara, 2007.

comendador Francisco Álvares de Azevedo Macedo, alto oficial da guarda nacional. Na fazenda produziam açúcar, aguardente e café, a propriedade contava com engenho a vapor, mantendo um porto fluvial à margem do rio São João para o escoamento da produção até Barra de São João e o município de Cabo Frio.

No relatório técnico social de Sobara há uma descrição do registro paroquial² e civil da população nesse período, que destaca a presença de escravos, há cerca de 365 registros de batismos de filhos de escravas, entre 1872 e 1883.

Tais registros mostram que a região de São Vicente e a localidade de Sobara contaram com a presença de pessoas classificadas como “escravas” e “ex-escravas” na segunda metade do século XIX, especialmente em suas últimas três décadas. Nos registros é possível encontrar muitos registros de pessoas com o sobrenome Silva, que é muito comum em Sobara hoje.

Ao longo das visitas eu sempre perguntava a origem das terras onde a comunidade está localizada hoje, e os moradores mais idosos como o senhor Narciso (que é conhecido como o mais velho e com a melhor memória do “tempo passado”) que, a Fazenda Sobara e as fazendas nas localidades vizinhas como: Fazenda Espírito Santo, Camarupi, Arapoca e Sapucaia pertenceram a muitos “donos” e possuíam plantações de café, cana, pastos, produção de carvão.

Na década de 70 essas terras foram “arrematadas por João Florêncio, homem branco do Rio de Janeiro” e começou a estabelecer pastos na região. E como os moradores não dispunham de documentos que regulamentassem a terra em que viviam um cenário de mudança começou a ser estabelecido na região.

Na medida em que o João Florêncio adquiriu expressiva parcela de terras na localidade, ele começou a cobrar aos moradores para que continuasse na terra, o que era chamado de “pagar o dia”. A prática da cobrança do pagamento do dia foi questionada e combatida por alguns moradores, que consultaram o sindicato dos trabalhadores rurais e foram informados da ilegalidade da cobrança, mas mesmo assim durante cerca de 3 anos ainda “pagaram o dia” para continuar nas terras.

² No livro de batismo nº 1 há a seguinte indicação “Serve este livro para matricula dos baptisados dos filhos de mulheres escravas nascidos depois da lei numero 2040 de 28 de setembro de 1871”
Fonte: Relatório Técnico de Sobara, 2007.

Alguns moradores relatam que neste período, famílias foram expulsas por não atenderem a esta obrigação. Quando indagados sobre se o Florêncio residia na região, eles me disseram que não, mas que ele deixou algumas pessoas encarregadas de fazer a vigilância, e que essas sim moravam lá, e quando ele morreu venderam a terra para os “portugueses” que vieram da região de Rio Bonito e para a Agrisa empresa de álcool hidratado e anidro (hoje uma das maiores proprietárias dentro da localidade).

A aquisição de terras pela empresa Agrisa foi muito traumática para os moradores, pois eram constantemente ameaçados (devido a não existência de títulos fundiários) e por ações violentas de ocupação de suas terras, destruindo as roças das famílias, que segundo algumas famílias, eram destruídas durante a noite e foi quando alguns moradores negociaram sua saída da terra por baixas quantias.

No entanto esse assunto é muito delicado em Sobara, pois muitos moradores e familiares dos entrevistados possuem, hoje vínculo empregatício com a Agrisa, mas alguns ainda falam que as tensões com a questão fundiária em Sobara começou com a chegada da Agrisa.

Com o estabelecimento dos portugueses na região, muitas foram às mudanças no modo de vida dos moradores. Os portugueses investiram fortemente na plantação de frutas, principalmente laranja, e mamão, utilizando maciçamente a mão de obra local, entre adultos e crianças, e também fazendo uso da mão de obra de trabalhadores vindos de regiões como Espírito Santo, Minas Gerais.

A mudança na paisagem local alterou também a dinâmica econômica das famílias de Sobara, que foram ficando cada vez mais dependentes dos serviços nos laranjais, sendo essa durante muitos anos a principal fonte de renda dos moradores da localidade. Na década de 90, os laranjais foram sendo substituídos por pastos, levando muitos moradores a migrarem em busca de empregos.

O início da organização para a reivindicação do reconhecimento de Sobara como comunidade remanescente de quilombo se deu no início de 2006 e foi fruto do trabalho de pesquisa sobre a presença de Jesuítas na região dos lagos do Rio de Janeiro, dentro do escopo do projeto conhecer para preservar desenvolvido com o apoio do Ministério do Meio Ambiente.

Em junho do mesmo ano, o IPEDS (instituto de pesquisa e educação para o desenvolvimento sustentável) encaminhou³ à Fundação Palmares o documento de autorreconhecimento, acompanhada de documentos produzidos pelo IPEDS em conjunto com a comunidade.

No dia 28 de julho de 2007, a Fundação Cultural Palmares concedeu a Certidão de Autorreconhecimento à Comunidade Remanescente de Quilombo de Sobara⁴. Tal medida administrativa faz parte do conjunto de medidas burocráticas do Estado Nacional brasileiro, no que se refere à aplicação do artigo 68 do ato das disposições constitucionais transitórias, da Constituição Federal de 1988, que estabelece que: “aos remanescentes das comunidades dos quilombos que estejam ocupando suas terras fica garantida a propriedade definitiva, devendo o Estado emitir-lhes os títulos respectivos”.

3.2.

O Histórico da Comunidade Quilombola Prodígio

Dentro de um panorama histórico mais geral, tem-se conhecimento de que os primeiros dados estatísticos concretos sobre o território de Prodígio, que foi realizado em 1858, revela que a população negra escrava, era superior a população de pessoas livres, o que mostra que os escravos eram a principal força de trabalho das fazendas da localidade, e que mais tarde se constituiu em comunidades rurais, e ainda comunidades rurais remanescentes de quilombos, conforme o reconhecimento previsto na Constituição de 1988.

Segundo o relato de alguns moradores de Prodígio, os negros vindos da África, que hoje lutam pelo reconhecimento como “remanescentes de quilombo”, constituíram a primeira geração de seus antepassados, e trabalhavam como mão de obra escrava na fazenda Prodígio. Após a abolição da escravatura, verificou-se entre os proprietários rurais das fazendas existentes na área de Prodígio e os trabalhadores remanescentes, compostos por ex-escravos e seus

³ Documento em anexo.

⁴ Conforme anotado no Livro de Cadastro Geral da Fundação Cultural Palmares (FCP) nº 06, registro nº 687, fl 197, tendo sido publicada no Diário Oficial da União em 28/07/2006. Documento em anexo2.

descendentes, que a divisão da terra não foi feita em lotes individuais, e sim em bases coletivas, com poço de água coletiva, mata, casa de farinha.

No entanto, como forma de garantir o direito ao uso e a “posse” das terras, os moradores tinham que destinar uma parcela do seu tempo, estipulado em dias, para cultivar as terras dos fazendeiros, sendo esse o pagamento para poder utilizar a terra. E ali foram constituindo suas famílias, a partir de uma articulação própria, onde não consideram o território apenas como um espaço físico e sim como um espaço social, que foi sendo mantido com laços de parentesco e reciprocidade.

A formação de Prodígio aconteceu mediante uma realidade complexa, sendo inserida num cenário desenvolvimentista, de modernização da agricultura, e mesmo assim são evidentes as influências da coletividade nas práticas camponesas. Existe um sistema de cooperação e solidariedade, que serve como base às experiências vivenciadas por estas famílias e reforçam a importância do conhecimento tradicional no processo de transição agroecológica. Conhecimento tradicional pautado no processo cultural, que compreende hábitos e costumes repassados por gerações e que evidenciam uma realidade de resistência, sobretudo diante das transformações impostas a esta região.

Tradicionalmente, muitas das experiências adotadas no cotidiano das famílias que vivem em Prodígio nos reportam a cultura camponesa e, sobretudo, servem como ponto de partida à nossa reflexão. Embora tenha havido mudanças significativas na produção nas últimas décadas, principalmente em face aos incentivos à introdução de culturas consideradas mais promissoras do ponto de vista econômico; de modo geral, as unidades familiares apresentam elevado nível de diversidade, explorando culturas tradicionais, e mantendo importantes áreas verdes preservadas.

As experiências de Prodígio constituem um universo ainda a ser desvendado. No entanto observamos que as unidades familiares valorizam o sistema de subsistência e produção diversificada, onde predominam o cultivo de aipim, quiabo, maxixe, abóbora, milho, feijão, amendoim, urucum, laranja e árvores frutíferas. É comum a realização de mutirões, prática não muito comum hoje em dia, e que faz parte da realidade das famílias, visando principalmente os tratos culturais, a fabricação de farinha e atividades sociais. A mandioca desempenha papel importante na subsistência e produção local, onde existem pequenos engenhos destinados à produção de farinha, sola e o biju. As construções de “pau a pique”; os hábitos alimentares que incluem pequenos roedores, a criação de aves e a engorda de porcos, como fonte de proteínas; e,

sobretudo a guarda e troca de sementes, plantas e mudas, fazem da comunidade uma referência em suas experimentações para a agricultura familiar e camponesa desta região. A seguir algumas fotos da casa de farinha e da semente de milho crioula, que é cultivada na comunidade, segundo eles “desde sempre”.



Foto3: Parte externa da casa de farinha do Senhor Lô. Fonte: Cordeiro, N, 2012.



Foto 4: Parte interna da casa de farinha do senhor Lô. Fonte: Cordeiro, N, 2012.



Foto 5: Milho crioulo. Fonte: Cordeiro, N, 2012.

3.3. Apontamentos Sobre o Diário de Campo de Sobara e Entrevistas

O “diário de campo” é fundamental quando se vai à campo, e em muitas pesquisas não são divulgados, por se tratar de um procedimento pessoal, onde registramos dúvidas, impressões, determinadas falas que posteriormente começam a fazer sentido, entre outras observações. Sendo assim, o pesquisador pode ou não utilizar esse material na produção final do trabalho, e nós optamos por utilizar, pois consideramos uma maneira interessante de apresentar o que foi observado ao longo das visitas e por ser uma oportunidade de integração com as entrevistas realizadas⁵, pontuando a fala dos moradores, principalmente com relação à questão da regularização fundiária em Sobara, que é o nosso objetivo específico neste trabalho.

Dezembro de 2011

Minha primeira visita a Sobara foi no dia 03/12/2011, para encontrar a moradora Rosiele, com quem eu já tinha contato pelo telefone. O contato da Rosiele foi o Miguel, responsável técnico do INCRA-RJ pela região que me passou. Esta primeira visita tinha como objetivo informar aos moradores do meu interesse em pesquisar a comunidade de Sobara, com enfoque maior na questão das terras e mais especificamente sobre a regularização fundiária dos remanescentes do quilombo. Nesta ocasião pretendia obter informações gerais sobre a localidade e seus moradores, através de observação e perguntas diretas aos moradores. E fui registrando tudo o que ouvia de informação desde São Vicente, quando parei para obter informações de como eu ia chegar em Sobara.

Já em São Vicente o tempo estava um pouco nublado e fui informada das condições da estrada para Sobara, fui prevenida de que se chovesse eu não conseguiria voltar de lá, mas como eu já tinha marcado, me senti na responsabilidade de ir, mesmo que tivesse que voltar cedo.

⁵ Solicitei junto a todos os moradores que eu pudesse gravar as entrevistas e se necessário transcrever pedaços de suas falas no trabalho final, eles me autorizaram. Em anexo o termo de consentimento utilizado.

A estrada que liga São Vicente à Sobara é predominantemente rural. Ao longo da estrada é possível observar a existência de grandes propriedades, que são cercadas por arame farpado, com poucos gados dentro, uma residência ou outra dentro dessas propriedades também era visível ao passar na estrada. Passei também por alguns pequenos povoados como o de Sobradinho e passei por alguns canaviais. Em seguida algumas fotos tiradas na primeira visita.



Foto 6: Rua de São Vicente. Fonte: Cordeiro, N, 2011.



Foto 7: Foto que indica o caminho para Sobara, detalhe para a escrita errada do nome da Comunidade. Fonte: Cordeiro, N, 2011.



Foto 8: Estrada para Sobara, com os canaviais à direita. Fonte: Cordeiro, N, 2011.

E seguindo as indicações acabei chegando em Sapucaia e perguntei sobre a Roseli, que tinha combinado comigo na igreja universal, e me informaram que aquela era a igreja de Sapucaia, que a Roseli morava em Sobara, me explicaram o caminho e eu cheguei até Sobara. Demorei cerca de 30 minutos no percurso de São Vicente até chegar na igreja de Sobara. Chegando lá encontrei o irmão de Roseli, que me informou que ela estava em casa, e fui até o encontro dela.

E então encontrei Roseli, me apresentei, perguntei se estava atrapalhando, e ela disse que tinha ido para casa organizar tudo, porque à noite tinha culto. Nesse primeiro contato, falei da pesquisa, da importância da luta deles pela regularização fundiária, e pedi que ela me contasse um pouco sobre Sobara, o que ela soubesse da história (pois Roseli é nova, têm 23 anos) e da situação hoje. Ela falou pouco sobre a história, mas disse que seu avô, seu Narciso é reconhecido como o mais velho de Sobara e que a gente podia tentar conversar com ele, mas em seguida me informou que ele está morando em São Vicente agora. Eu disse que não tinha problema, que seria muito importante conversar com ele, mas como o tempo já estava começando a fechar ela me disse que seria melhor irmos até lá outro dia, e eu combinei que na próxima visita eu buscaria ela e iríamos até a casa dele.

Perguntei quais religiões são praticadas lá e ela me disse que a única igreja na comunidade é a evangélica, e que muitos moradores frequentam, eu perguntei desde quando a Igreja evangélica existia lá e ela não soube me informar.

Perguntei se lá tem escola e ela me disse que sim, do jardim até o 9º ano do ensino fundamental e que ela trabalha lá. E eu perguntei onde as pessoas terminavam o ensino médio e ela me disse que ninguém termina, porque só tem escola em São Vicente e não tem ônibus para que eles voltem para Sobara depois da aula à noite. Ela disse que tentou fazer o 1º ano, mas que não tinha como voltar, foi nesse momento que ela me informou que só existem 3 horários de ônibus de São Vicente para Sobara e de Sobara para São Vicente por dia, e que o último é às 16:00. Eu perguntei se eles já tinham feito reclamação em São Vicente, ou na empresa de ônibus, e ela me disse que sim e que nada adiantou, e aí perguntei sobre saneamento básico, correio, posto de saúde, eletricidade. E aos poucos fui sendo informada de tudo. Eles tinham um Posto de saúde até 2009, quando segundo ela eles fecharam do “dia pra noite” sem nem avisar, eles fizeram abaixo assinado, mas até hoje nada foi

feito. O correio não entrega cartas lá, e aos poucos fui tomando conhecimento da realidade de Sobara

Nesta primeira visita Rosiele me levou para dar uma volta em toda a região de Sobara (fomos de carro) combinamos que eu voltaria em janeiro e que nessa visita eu ia conhecer seu avô, senhor Narciso, e conversaria com demais moradores sobre o que pensam sobre o processo de regularização fundiária.

Janeiro de 2012

Quando retornei de Sobara, tive a certeza de que eu teria que tentar ao máximo estruturar as minhas próximas visitas à Sobara, pois os assuntos vão surgindo, são muitos os relatos de vida, que sem dúvida são muito relevantes e interessantes, mas eu não poderia perder o foco das entrevistas, percebi que precisava direcionar as entrevistas para a discussão da regularização fundiária, sem claro deixar de ouvir e querer saber dos assuntos que possam surgir por parte dos entrevistados.

Recomecei a pesquisa bibliográfica sobre a região de Araruama, procurei dados em páginas na internet, obtive informações sobre a empresa Agrisa, empresas especializadas em álcool hidratado e anidro, estabelecida na região desde 1978, encontrei denúncias relativamente recentes de que esta empresa e outros proprietários da região mantinham trabalhadores em condições análogas a de escravo.⁶

Dando continuidade a pesquisa sobre Sobara, retomei a leitura do relatório técnico de identificação e delimitação da comunidade, consultei mapas históricos e atuais da região (alguns supracitados). Alguns documentos da época registram a presença indígena⁷ na região, e mostram que a ocupação efetiva da localidade não ocorreu antes de 1767. Na biblioteca Municipal de Araruama consegui materiais interessantes sobre o histórico do município.

E no dia 14 de janeiro retornei a Sobara, encontrei Rosiele e fomos à casa do Senhor Narciso, seu avô, em São Vicente. Chegando lá seu Narciso nos recebeu bem e eu expliquei um pouco sobre a pesquisa e ele me contou que a

⁶ Em anexo matérias encontradas sobre a Agrisa e a situação dos trabalhadores que eram mantidos em cárcere.

⁷ Segundo o relatório Técnico de Sobara: "A presença indígena pode ser vista na carta topográfica, e é possível que os índios estivessem relacionados em algum grau aos estabelecimentos missionários da região". Pg.22.

Agrisa ocupou grande parte das terras onde ele vivia em Sobara, ocupou e começou a plantar cana, ele disse que chegou a recorrer à justiça para não perder suas terras, solicitou o apoio do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Araruama, na tentativa de proteger suas terras frente ao processo de expropriação territorial empreendido pela Agrisa. No entanto, ele e sua extensa família, acabaram ficando apenas com pouco mais de um alqueire de terra (área: 76.475.00 ou 1 alqueire + 28.075.00), extensão muito pequena se comparada à terra que dispunham antes do estabelecimento desta empresa na região.

Seu Narciso buscou uma pasta com muitos documentos e fez questão de me mostrar todas as cobranças de impostos que ele recebia sobre a terra onde ele vivia, eu verifiquei e todas estavam em seu nome. Perguntei se ele tinha algum registro de Sobara em seu nome e ele me disse que não. Disse também que ele agora prefere viver em São Vicente, porque ficou desgostoso de Sobara depois do acontecido, e que a maioria dos moradores não se reúnem para enfrentar a Agrisa porque trabalham lá, e por isso não fazem nada para tentar conter a expansão da empresa por dentro de suas terras.

E nesse momento aproveitei o espaço para perguntar sua opinião sobre a dificuldade que Sobara e a maioria das comunidades remanescentes de quilombos enfrentam junto ao INCRA para terem suas terras regularizadas e ele me disse “eles não tem interesse em regularizar nada pra gente não, a Agrisa é uma grande empresa e tem influencia na região e nada acontece com eles”. Eu perguntei se eles estavam se organizando para pressionar o INCRA para que o processo volte a andar para que eles não continuem perdendo terra para a Agrisa ou até mesmo para algum “suposto” proprietário e ele me disse que não, “que ninguém tem se organizado mais, pois todo mundo tá trabalhando e achando que assim está bom”. Em seguida algumas fotos da entrevista com o Senhor Narciso.



Foto 9: Entrevista com o senhor Narciso, mais antigo integrante de Sobara. Fonte: Cordeiro, N, 2012.

1992
 NOTIFICAÇÃO/COMPROVANTE DE PAGAMENTO
 Nome do Contribuinte: NARCIZO DA CONCEICAO WASCONCELLOS
 Endereço/Domicílio Fiscal: RUA COMENDADOR BENTO JOSE MARTINS N 09
 Município do Imóvel: ARARUAMA
 Valor Total: 104.746,70

1993
 NOTIFICAÇÃO/COMPROVANTE DE PAGAMENTO
 Nome do Contribuinte: NARCIZO DA CONCEICAO WASCONCELLOS
 Endereço/Domicílio Fiscal: RUA COMENDADOR BENTO JOSE MARTINS N 09
 Município do Imóvel: ARARUAMA
 Valor Total: 1.558,31

1994
 NOTIFICAÇÃO DE LANÇAMENTO
 Nome do Contribuinte: NARCIZO DA CONCEICAO WASCONCELLOS, CPF-029 301 407-80
 Endereço/Domicílio Fiscal: RUA COMENDADOR BENTO JOSE MARTINS N 09
 Município do Imóvel: ARARUAMA
 Valor Total: 8.301,18

Foto 10: Algumas cobranças de impostos referentes às terras do senhor Narciso em Sobara. Fonte: Cordeiro, N, 2012.

Quando terminamos a entrevista com o senhor Narciso, Rosiele me convidou para assistir ao culto na sua igreja Assembléia de Deus em Sobara e eu que já queria entrevistar o pastor aproveitei e fui. Chegando no culto Rosiele me apresentou a muitos moradores e eu que estava com o questionário⁸ consegui aplicá-lo com 12 moradores de famílias diferentes, o que rendeu frutos ainda melhores do que o esperado, no entanto não consegui entrevistar o pastor Josué, pois ele tinha um compromisso em São Vicente, mas se disponibilizou a conversar comigo quando eu retornasse.

⁸ Em anexo o questionário aplicado aos moradores de Sobara.

Após o culto, me despedi de Rosiele e combinei de retornar em março, e falei que nesta data eu gostaria que ela confirmasse com o pastor Josué nossa conversa.

Março à Abril de 2012

Retornei para casa com todas as anotações das entrevistas e comecei a analisá-las, quando eu perguntava sobre a ocupação da Agrisa em parte do território de Sobara eu pude perceber que muitos não queriam se posicionar, então eu comecei a perguntar se eles trabalhavam ou tinham alguém da família que trabalhava na Agrisa, e falei que para a pesquisa que eu estava desenvolvendo citar nomes não era essencial, e que eu só falaria o nome dos que me autorizassem e que ao final do trabalho eu daria um retorno para eles e assim eles começaram a falar, que a Agrisa ocupou uma área significativa das terras da comunidade e um dos entrevistado, chegou a citar o caso do Senhor Narciso e da sua família.

Ao contabilizar as entrevistas eu pude perceber que 8 dos 12 entrevistados ou trabalhavam ou tinha alguém da família que trabalhava na empresa Agrisa, o que sem dúvida complica e muito a exposição e a organização por parte desses moradores para continuar a reivindicar a regularização fundiária.

Todos os doze entrevistados, disseram que tem grande interesse na regularização, mas quando indagados sobre a existência da associação de moradores, muitos disseram “aqui nós não temos muito tempo pra parar para reunião, acordamos 4 horas da manhã e 8 da noite já estamos cansados demais, está difícil demais conseguir reunir todo mundo”. Nesse momento eu falei um pouco sobre a importância da organização dos moradores em associação, pois assim eles teriam mais credibilidade junto ao INCRA.

Na pergunta sobre qual o motivo que eles atribuíam a dificuldade enfrentada para a regularização fundiária, as respostas foram bem divididas, 3 deram respostas parecidas, dizendo que ali eles estavam esquecidos pelo Estado, e que não há interesse neles, 4 disseram que é por culpa deles mesmo, por não se organizarem, 2 disseram que a Agrisa era empresa influente na região e que provavelmente interferia para que o processo deles não andasse e 3 disseram que o processo é demorado mesmo.

No mês de março não consegui combinar um fim de semana com Roseli e no dia 20 de abril retornei à Sobara, nessa visita, já fui destinada a falar com o pastor Josué e com a diretora da escola de Sobara, nas ligações que fiz no mês de março com Roseli falei do meu interesse em saber qual o posicionamento da escola de Sobara, frente à questão da regularização fundiária e ela conseguiu marcar uma entrevista com a diretora Andréa Alves.

Chegando em São Vicente fui direto conversar com o a diretora da escola municipal Pastor Alcebiades Ferreira de Mendonça, Andréa Alves na sua residência, pois era sábado e a escola funciona de segunda à sexta, ela me recebeu muito bem, eu expliquei um pouco sobre a minha pesquisa e ela começou a falar, disse que trabalha na escola há 13 anos e que gosta muito de trabalhar lá, que ela entende a importância da “preservação da cultura quilombola” que na escola eles tem aula de capoeira e de história africana. Eu fiquei curiosa desde o primeiro dia sobre o nome da escola, quem teria sido o pastor Alcebiades, e ela me disse que ele foi o primeiro pastor de Sobara e que ele dava aula dentro da igreja para os que queriam ler e escrever, e que ele era uma pessoa muito bem relacionada na comunidade e que ele é avô do atual pastor, o Josué. Perguntei como ela via a entrada da empresa Agrisa dentro da comunidade e ela relatou muito espontaneamente que a empresa ocupou grandes lotes de terra em Sobara e que ela acredita que as coisas ainda podem piorar “naquelas terras”, pois muitos moradores trabalham na empresa e por isso não conseguem se organizar para “reivindicar seus direitos”, eu perguntei a que ela atribuía a dificuldade enfrentada por Sobara para a regularização e ela disse “ é falta de interesse político, a Agrisa é uma empresa muito importante aqui, em Cabo Frio, acho que vai ser bem difícil eles conseguirem por enquanto o registro” ela falou um pouco sobre a festa que acontece na escola no dia 20 de novembro, que é muito interessante e me convidou e assim encerramos nossa conversa. Abaixo uma foto da Diretora Andréa Alves.



Foto 11: Diretora da Escola de Sobara Andréa Alves. Fonte: Cordeiro, N, 2012.

Saí da casa de Andréa em São Vicente e segui para Sobara, chegando lá fui direto ao encontro do Pastor Josué, pessoa muito simpática e carismática, me recebeu muito bem, falou que é o pastor de Sobara há 36 anos, eu falei da pesquisa e comecei a perguntar o que ele sabia sobre a questão de terras em Sobara, se ele tinha presenciado algum conflito na região, principalmente depois da chegada da Agrisa, ele disse que a Agrisa chegou e que hoje muitos moradores trabalham lá e que isso é positivo para os moradores, eu perguntei se ele soube do caso do Senhor Narciso e ele me disse perguntou que caso, eu disse “da perda significativa do pedaço de terra que seu Narciso e sua família ocupavam” e ele disse que soube, mas que seu Narciso está bem em São Vicente, eu perguntei a sua opinião sobre as dificuldades enfrentadas pela comunidade para ter suas terras regularizadas e ele me disse que acredita que a dificuldade é gerada pelo INCRA, que não tem interesse em regularizar as terras, pois se eles sabem que ali é uma comunidade quilombola, já deveriam ter regularizado. Conversamos sobre a história de Sobara, sobre seu avô Alcebíades e nos despedimos.



Foto 12: Pastor Josué. Fonte: Cordeiro, N, 2012.

Passei na casa de Rosiele para me despedir, agradei por tudo, disse que quando o trabalho ficasse pronto eu levaria uma cópia até a escola e outra para ela. Falei que provavelmente aquela seria a minha última visita à Sobara até a defesa. Abaixo algumas últimas fotos tiradas na última visita à Sobara.



Foto 13: Escola Municipal Pastor Alvebiades de Mendonça- Sobara-RJ. Fonte: Cordeiro, N, 2012.



Foto 14: Igreja Assembléia de Deus de Sobara-RJ. Fonte: Cordeiro, N, 2012.



Foto 15: Despedida da família Silva, na foto Josiele (irmã de Rosiele, na janela) Pai de Rosiele, Senhor Cornélio, sua esposa, mãe de Rosiele, Julita, Rosiele e seu filho Wanderson. Fonte: Cordeiro, N, 2012.

3.4. Apontamentos Sobre o Diário de Campo de Prodígio

Dezembro de 2012

Em dezembro de 2012, comecei meus contatos com a Vera, bióloga da EMATER-RJ, os contatos da Vera foram passados para mim pelo Miguel do INCRA, como pessoa que desenvolve trabalho na comunidade e que tem disponibilidade em colaborar, trocamos alguns e-mails e descobri que Vera desenvolve trabalho de apoio à agricultura familiar em Prodígio. Nos e-mails eu falei um pouco da pesquisa que eu pretendia realizar em Prodígio, das entrevistas que eu precisava fazer e ela se apresentou e desde então se mostrou muito disposta a ajudar, e me deu a seguinte descrição sobre o trabalho que desenvolve na comunidade: “nossa opção de dar atenção as sementes crioulas mantidas pela comunidade é consequência de um processo crucial vivido por tantas comunidades espalhadas por este Brasil e América Latina, que lutam pela vida de suas sementes e pelo conhecimento tradicional. A partir das sementes crioulas em especial o milho esperamos fortalecer o diálogo com a

comunidade. As sementes são instrumentos que permitem nossa aproximação com a cultura camponesa e afro descendentes. O modo como reproduzem as sementes crioulas, que perpassa gerações, é também o modo como reproduzem o conhecimento e mantém viva a história rural. As sementes crioulas podem transformar uma realidade e constituírem-se em objeto de educação agroecológica. O milho tem sua importância no planejamento da produção e na subsistência das famílias. É consumido principalmente verde, e quando seco serve principalmente às criações (aves e porcos), que são à base da dieta de proteína das famílias. Todavia, o milho tem influência direta na segurança e autonomia alimentar da comunidade”.

E então agendamos minha primeira visita à Prodígio para o dia 17 de dezembro, fui de ônibus até a rodoviária de Araruama, lá encontrei Vera e seguimos para Prodígio, o tempo de viagem até Prodígio durou cerca de 25 minutos, o acesso à Prodígio se comparado ao de Sobara é muito melhor. Ao longo do caminho de Araruama à Tapinoã, vimos muitos pastos, com cercas e alguns gados dentro, o que segundo Vera se deu nos últimos 10 anos, “antes era comum ver só mato, sem nenhuma cerca e as casas ficavam distantes uma da outra”. A seguir foto da estrada até Tapinoã e depois foto da estrada para Prodígio.



Foto 16: Estrada que liga Araruama à Tapinoã. Fonte: Cordeiro, N, 2012.



Foto 17: Estrada para Prodígio. Fonte: Cordeiro, N, 2012.

Chegamos em Prodígio e fomos direto para a casa grande, que encontra-se muito deteriorada, no entanto logo ao lado da casa grande, existe uma construção recente de uma casa, com portão de grade, fechado com cadeado e um cachorro dentro, segundo Vera existe um caseiro que toma conta da residência, evitando que ela seja invadida, encontramos com ele na saída, mas ele não quis conversar com a gente, quando eu disse que estava fazendo uma pesquisa sobre a comunidade quilombola Prodígio.

Na frente da casa grande encontra-se a única igreja da comunidade, que é católica, no entanto não tem tido missa, há oito meses, quando perguntei o porquê da ausência da missa, me disseram que o padre estava doente e foi se tratar e ainda não mandaram novo padre. Alguns moradores frequentam a igreja católica de Tapinoã e outros frequentam a igreja assembleia de Deus de Tapinoã. Em seguida algumas fotos.



Foto 18: Casa Grande de Prodígio externa. Fonte: Cordeiro, N, 2012.



Foto 19: Casa Grande de Prodígio interna. Fonte: Cordeiro, N, 2012.



Foto 20: Casa nova ao lado da casa grande . Fonte: Cordeiro, N, 2012.



Foto 21: Vista da casa grande, a Igreja e a Escola Municipal. Fonte: Cordeiro, N, 2012.

A escola como vimos fica ao lado da igreja e na frente da casa Grande, e combinei com Vera que na próxima visita eu iria um dia de semana para tentar conversar com a diretora da escola. Esta primeira visita foi uma visita de reconhecimento da área, andamos muito por toda a extensão das terras de Prodígio e percebi que Vera era uma pessoa que realmente conhecia a região, ela me disse que ajudou o Miguel quando ele foi à comunidade a fazer a demarcação do território. Quando ela acabou de me mostrar toda a extensão de Prodígio fomos até a casa do Senhor Robertinho, morador Vera auxilia com o projeto da EMATER-RJ, mas ele não estava em casa.

Em conversa com Vera, perguntei se ela tinha acompanhado a abertura do processo da comunidade Prodígio junto ao INCRA e ela me disse que sim, e então perguntei a ela se ela tinha sido informada ou se sabia se algum morador foi informado sobre a desistência de reivindicar a regularização fundiária e ela disse que não e me perguntou o porque da minha pergunta, e então eu a informei que esse foi o parecer que o INCRA me passou sobre a situação atual do processo de Prodígio junto ao órgão.

E então retornamos a Araruama e decidimos que na minha próxima visita ela ia entrar em contato com os moradores para que eu pudesse entrevistá-los, principalmente os mais velhos. No caminho de volta para Araruama perguntei

sobre a existência de posto de saúde e ela me disse que não tem, nunca teve, e que todo tratamento médico básico é feito no posto de Tapinoã e os mais sérios em Araruama. Conversamos também sobre a presença do “dono” da terra através do caseiro e da residência nova ao lado da antiga casa grande, ela disse que já teve oportunidade de conhecê-los, Ulisses Melo deixou três filhos que supostamente tomam conta da fazenda, são eles, José Soares Coutinho, que é comandante do exército, Onorino Coutinho, que é médico em Cabo Frio e Madalena Melo, que mora em Cabo Frio.

Perguntei a Vera se Prodígio tinha algum tipo de articulação com outras comunidades quilombolas e ela me disse que sim, com Campinho e Bracuí, por conta da articulação da agroecologia, projeto que ela está envolvida, sendo que o senhor Robertinho é o que mais mantém contato com eles.

Despedi-me de Vera e disse que nos próximos meses eu ia me dedicar a pesquisa bibliográfica da região e que em breve eu voltaria, ela me sugeriu a biblioteca de Araruama, pois lá tinham alguns livros sobre a região.

Janeiro à Abril de 2012.

Quando retornei de Prodígio comecei a ouvir as conversas que tive com Vera e ela que trabalha lá já há tanto tempo nunca ouviu falar de nenhum conflito por parte dos supostos donos das terras com os moradores, ela me contou que eles “pagaram o dia” onde todos trabalhavam 1 dia da semana para a fazenda (na colheita de laranjas, plantação de aipim e na confecção de farinha, biju, dentre outras atividades) para os donos até mais ou menos 12 anos atrás, que foi quando eles foram deixando de lado a fazenda e ela entrou em decadência.

Embora eles não paguem mais o dia, afinal não há produção por parte da casa grande, a presença é constante dos “supostos donos”, eles mantêm um caseiro ali, podem não cobram nada hoje, mas podem mudar de ideia quando quiserem.

E decidi procurar saber na internet se existia alguma denuncia envolvendo Prodígio e seus “supostos donos”, mas não encontrei nada. Em uma das visitas que fiz a Sobara nesses meses fui a biblioteca municipal de Araruama procurar bibliografia, mas sobre denuncias de trabalho análogo ao de escravo, ou invasão de terras eu não encontrei nada.

E combinei com a Vera que no dia 03 de abril eu estava indo pra lá e que ia ficar dois dias seguidos para otimizar o tempo. Chegando em Araruama, encontrei com a Vera na sede da EMATER-RJ e de lá seguimos para Prodígio, e

ela já tinha marcado com 3 moradores para que eu pudesse entrevistá-los. Fomos direto para a casa do Senhor Robertinho, que no primeiro momento não foi muito simpático a minha presença, mas depois começou a falar. Ele falou sobre o contato do Miguel do INCRA com eles em 2009 e que de lá para cá ele tem tentado mobilizar os moradores para que formem uma associação, mas ele não tem encontrado apoio, somente ele e sua esposa se preocupam com a regularização da comunidade, ele relata que “muitos moradores aqui são da antiga, e eles não tem mais vontade de se organizar, tá todo mundo cansado”. Eu perguntei se ele pagou o dia para o senhor Ulisses e ele disse que e não, mas seus irmãos e parentes sim.

Perguntei se ele sabia algo sobre como está o processo de Prodígio junto ao INCRA e ele me disse que está em aberto desde 2009 e que não tiveram mais notícias, eu disse que fui informada que o eles tinham desistido do processo junto ao INCRA e que esse era um dos meus interesses em pesquisar a comunidade. Ele ficou surpreso com a notícia e disse que ia procurar se informar, mas com certeza ninguém ligou para lá desistindo.

Perguntei se ele frequentava alguma igreja, e ele disse que não, que alguns frequentam a evangélica de Tapinoã, como Vera já tinha me contado e perguntei se tinha algum terreiro de Umbanda ou de Candomblé, ele disse que tinha sim, mas que quando o velho Lô morreu acabou, e isso tem uns 9 ou 10 anos. Segundo ele o velho Lô morreu com 105 anos e que ele era o responsável pela organização da Curimba⁹ em Prodígio, perguntei se ele tinha alguma memória que ele quisesse contar sobre a Curimba e ele me disse que ele nunca pode entrar, que só os mais velhos que podiam ir.

Perguntei sua opinião sobre a manutenção do caseiro na casa grande e ele me disse que isso é a prova de que um dia eles podem perder a terra se não se organizarem enquanto os mais velhos estão vivos. Quando eu perguntei a ele a que ele atribuía a dificuldade enfrentada pela comunidade para ser regularizada, ele foi logo falando que “as coisas só acontecem quando tem organização, e os moradores de Prodígio não tem se organizado, a maioria dos moradores se preocupam com as plantações, com a vida de hoje, aconteceu uma acomodação, pois eles não imaginam que um dia o “Coutinho” possa querer expulsar a gente daqui”. Eu disse que eu fiquei pensando muito sobre isso quando fui embora de lá depois da outra visita e que eu concordo com ele que pode ter acontecido sim uma acomodação por parte de alguns moradores,

⁹ “O termo “Curimba” define o grupo de pessoas que louvam na Umbanda e Candomblé, através do canto e percussão de atabaque, os Orixás”. Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Curimba>

pois até hoje ninguém tentou expulsar vocês daqui e que a correria do dia dificulta e muito a organização coletiva, ele falava meio chateado e eu falei, o senhor é pessoa importante nesse processo, pode agitar mais os moradores, pois acredita que um dia as coisas podem mudar, pense nisso senhor Robertinho.

Quando foi chegando o fim da conversa ele perguntou em que casas mais eu ia e perguntou se eu ia voltar, eu disse que sim e ele me ofereceu sua casa, disse que tinha falado com sua esposa e que eu podia “pousar” lá, eu agradei e disse que eu já tinha reservado um lugar pra ficar. E então ele quis mostrar as sementes que eles tinham colhido recentemente, mostrou o milho crioulo com orgulho, e disse que esse milho só tem lá, mostrou também o feijão que foi colhido e armazenado. Em seguida alguma fotos.



Foto 22: Foto dos variados milhos plantados em Prodígio. Fonte: Cordeiro, N, 2012.



Foto 23: Senhor Robertinho e Vera buscavam o feijão para me mostrar e conversavam sobre a próxima colheita. Fonte: Cordeiro, N, 2012.

Logo depois nos despedimos do senhor Robertinho e Vera foi comigo na escola, para que como era dia de semana devia estar aberta para que eu pudesse conversar com a diretora. Chegamos na escola eu me dirigi a secretaria, perguntei sobre a diretora e a secretaria disse que a diretora não fica lá na escola, que ela é a mesma diretora de outra escola em Araruama e que ela só vai até lá quando é solicitada para resolver alguma questão específica, pedi os contatos da diretora e a secretária disse que não podia me dar, eu mostrei a carta de apresentação da PUC e mesmo assim não consegui nada.

Perguntei se ela podia me responder pelo menos algumas perguntas sobre a escola e ela disse que sim, perguntei quais séries tinham na escola e ela disse que do jardim até o 6º ano, perguntei se ela morava em Prodígio e ela disse que não, então eu perguntei se ela sabia que ali era uma comunidade quilombola e ela disse que já tinha ouvido falar nisso, perguntei se tinha alguma disciplina sobre cultura Africana ou aula de capoeira na educação física e ela disse que não, perguntei se ela sabia algo sobre o processo aberto junto ao INCRA para a regularização das terras da comunidade e ela me disse que não.

Saí meio desanimada de lá e Vera me disse que já tinha ouvido falar que a escola não estabelecia vínculos com a comunidade e diante disso decidi que não

valia o desgaste de procurar a secretaria de educação, pois se na escola eles não tinham muito entendimento sobre Prodígio ser uma comunidade quilombola, na secretaria não seria diferente.

E então seguimos para a casa da Dona Mena, chegamos lá e fomos muito bem recebido, dona Mena tinha um aspecto de estar cansada, mas mesmo assim nos atendeu muito bem, Vera conversou um pouco com ela sobre a colheita e depois começamos a conversar e ela contou muita história, a gravação de Dona Mena foi uma das mais longas, falou muito da sua vida pessoal, quantos anos tem, disse que tem 84 anos que ficou viúva cedo, pois seu marido morreu novo, e a deixou com 15 filhos, se emocionou muito ao falar que 4 deles já morreram e que a vida já não tem muita graça hoje, falou que trabalhou muito na fazenda e disse que não faz muito tempo que parou, mas não conseguiu falar uma data precisa de quando parou.

Perguntei se ela tinha alguma religião e ela disse primeiramente que agora é evangélica, aí eu perguntei se ela frequentava a curimba e ela riu, aí eu pedi que ela me contasse um pouco sobre como era, ela disse que era muito bom, que toda segunda iam para casa do velho Lô e só saiam de lá de manhã, que dançavam, cantavam e faziam rezas, ela demonstrava muita alegria ao falar da curimba, e disse que hoje não tem mais, que depois que o velho Lô morreu não teve mais.

Perguntei se ela tinha interesse em ter a terra onde viveu a vida toda regularizada com um papel que garantisse o direito deles continuarem lá, e ela disse que sim, que há um tempo atrás um rapaz do INCRA teve lá e que depois não voltou mais (provavelmente ela falava do Miguel) e eu perguntei se ela tinha alguma opinião sobre o porque que até hoje eles não tiveram suas terras reconhecidas e ela me disse que não sabia o porque. Perguntei se ela sabe como está o processo de Prodígio junto ao INCRA e ela me disse que só sabia que estava lá e que eles disseram que iam retornar a comunidade.

Conversamos sobre o que ela planta na casa dela e Dona Mena falou que lá tem frutas, como goiaba, manga, siriguela e tem aipim, e que possui também uma casa de farinha e que faz farinha e biju, mas não quis que eu fosse lá porque estava suja, planta milho crioulo dentre outras coisas. A seguir uma foto com Dona Mena.



Foto 24: foto no quintal de Dona Mena, onde conversamos por mais de duas horas. Dona Mena, Eu e Vera. Fonte: Cordeiro, N, 2012.

Saímos da casa de Dona Mena quase 4 horas da tarde e Vera tinha que voltar e eu não podia ficar lá porque depois não tinha ônibus pra voltar pra Araruama, voltei com Vera, fomos almoçar e marcamos 9 horas do dia seguinte na EMATER para que ela me acompanhasse novamente.

Dia 04 de Abril de 2012

Encontrei com Vera na EMATER e fomos direto para a casa do Senhor Nelson e Dona Dadi, eles são considerados os mais velhos da comunidade, me apresentei ao casal e assim como Dona Mena eles adoravam conversar, ficamos lá durante umas três horas. Seu Nelson foi um dos encarregados de confiança na época do funcionamento da fazenda Prodígio, e ele disse que era muito bom trabalhar lá, que dava gosto e ver a colheita como era que era um tempo bom. Depois de muita conversa, consegui perguntar se ele tinha preocupação em ter suas terras regularizadas e se ele queria receber um documento que regulamentasse esse direito e ele me disse que sim, mas que o Toinho, um dos “donos” esteve lá visitando ele esse ano e que eles não iam expulsar eles dali não, que seria bom ter a regulamentação, mas que ele não acreditava que eles fossem ter que sair dali não.

Perguntei se ele tinha alguma opinião sobre a dificuldade de se ter a regularização fundiária, e ele me disse que não. Perguntei se ele tinha informações de como estava o processo de Prodígio junto ao INCRA e ele disse que não, que quem devia saber disso era o Senhor Robertinho. Conversamos sobre a curimba e assim como Dona Mena, ele e Dona Dadi frequentavam e diziam que era muito alegre, mas que depois que o velho Lô que tinha um “cado de janeiro” segundo Senhor Nelson morreu, não teve mais curimba ali, ele contou que o Seu Lô morreu com 138 anos. A seguir uma foto do Seu Nelson e Dona Dadi.



Foto 25: Seu Nelson e Dona Dadi na varanda da sua casa. Fonte> Cordeiro, N, 2012

Nos despedimos do Seu Nelson e Dona Dadi e fomos para casa de Dona Francisca outra pessoa de referencia na comunidade, chegamos e fomos muito bem recebidas, falei do motivo da minha visita e perguntei se dona Francisca chegou a “pagar o dia” e ela disse que sim, durante muito tempo, perguntei como era a relação dela e dos demais com os “donos” da fazenda e ela disse que sempre foi tranquila, perguntei se ela tinha medo de que um dia eles quisessem a terra só para eles e ela acha que isso não vai acontecer, que eles tem direito a ficar na terra, pois são quilombolas. Perguntei o que ela pensava sobre a demora no processo de regularização fundiária da comunidade e ela disse que não sabia por que demorava tanto, mas que devia ser assim.

Conversamos sobre a plantação de milho Crioulo e suas propriedades, e falamos sobre a casa de farinha e aos poucos finalizamos nossa conversa.

Eu e Vera fomos embora de Prodígio e nesse dia concluí a pesquisa de campo em Prodígio, entrevistei 10% dos moradores de família diferentes, entrevistei Vera, pessoa que me ajudou muito nesse processo e me despedi com a promessa de enviá-la o produto final do trabalho.

3.5. As Especificidades de Sobara e Prodígio

Neste subitem apresentamos um quadro com os principais dados de Sobara e de Prodígio, com o número de famílias, como está o processo de regularização fundiária junto ao INCRA e apresentamos as principais respostas para as perguntas do questionário aplicado.

Comunidade Quilombola Sobara Município- Araruama-RJ- Possui a Certidão da Fundação Cultural Palmares e o Relatório técnico Realizado	Comunidade Quilombola Prodígio Município- Araruama-RJ Abriu processo junto ao INCRA e recebeu visita da equipe técnica
Nº de famílias - aprox 100	Nº de famílias - aprox 30
Nº de Moradores Entrevistados: 13	Nº de Moradores Entrevistado: 3
Nº de Pessoas de fora Entrevistadas: 2	Nº de Pessoas de fora Entrevistadas: 1
Tipo de Trabalho Predominante: Agrícola e na Empresa Agrisa	Tipo de Trabalho Predominante: Agricultura familiar
Não há Assistência Médica	Não há Assistência Médica
Luz Elétrica em Todas as Casas	Luz Elétrica em Todas as Casas
Não chega Correio	Não chega Correio
Transporte coletivo 3 vezes ao dia	Transporte coletivo 4 vezes ao dia
Escola municipal do jardim ao 9ºano	Escola Municipal do Jardim ao 6º

Principal comemoração 20/11	Não há festas comemorativas
Principal religião evangélica	Principal religião evangélica
Não possuem nenhum registro de posse	Não possuem nenhum registro de posse
Não possuem associação de Moradores	Não possuem associação de Moradores
Participam do programa Luz para todos e todos os entrevistados recebem bolsa família.	Participam do programa Luz para todos E os que têm crianças recebem bolsa família.
Conflitos fundiários começaram na década de 70.	Não possuem conflitos fundiários
Todos entrevistado começaram a pensar sobre o termo quilombo depois da constituição de 88	Todos entrevistado começaram a pensar sobre o termo quilombo depois da constituição de 88
Principais motivos que justificam a dificuldade da regularização fundiária na comunidade são: dificuldade de organização dos moradores, muitos por estarem ligados à empresa Agrisa e o não interesse do Estado para as comunidades quilombolas.	Principais motivos que justificam a dificuldade da regularização fundiária na comunidade são: dificuldade de organização dos moradores, ou não sabem informar.

Os dados apresentados nos fazem refletir como cada comunidade tem suas especificidades, mesmo estando do mesmo município, e tendo passado por processos semelhantes de permanência no território, os dados nos mostram as singularidades de cada uma.

Dentre esses dados, consideramos importante ressaltar a questão do trabalho, que em Sobara um número expressivo de moradores trabalha na empresa Agrisa, já em Prodígio a grande maioria sobrevive da agricultura familiar, com plantações próprias. Outra questão importante e que provavelmente influencia a organização de cada comunidade é a experiência que cada uma teve de permanência no território, Sobara passou por um processo de ocupação violenta por parte da empresa Agrisa e perdeu parte significativa do seu território, já Prodígio não viveu experiências de conflito dentro do seu território.

3.6.

O INCRA e a situação da Regularização Fundiária das Comunidades Quilombolas Sobara e Prodígio

Um dos interesses principais deste trabalho sempre foi o de ouvir além das comunidades quilombolas que reivindicam a regularização fundiária de suas terras, ouvir o posicionamento do INCRA sobre a situação destas comunidades e para tanto consegui entrevistar, o Antropólogo Miguel Cardoso, que é responsável pela regularização fundiária das comunidades quilombolas do Estado do Rio de Janeiro.

A entrevista foi enviada para que o responsável técnico respondesse e me enviasse via e-mail. Em seguida segue o formulário utilizado para a realização da entrevista com as respostas.

Perguntas referentes à Regularização Fundiária das Comunidades Quilombolas no Brasil/Rio de Janeiro/Região dos Lagos do Estado do Rio de Janeiro.

- 1- Sabemos que no Brasil temos cerca de três mil comunidades quilombolas que já possuem as certidões emitidas pela Fundação Cultural Palmares, e alguns pesquisadores acreditam que existe um número ainda maior que este de comunidades existentes. Apesar da constituição de 88 garantir o direito a propriedade definitiva para os remanescentes de quilombos que estivessem ocupando suas terras o que vemos hoje é que apenas cerca de 120 comunidades quilombolas possuem os títulos respectivos. Diante disso gostaríamos de saber qual a maior dificuldade que o Senhor atribui a esse processo lento de regularização?

Resposta: A maior dificuldade é sem dúvida a falta de recursos, principalmente pessoal, criticamente antropólogos.

- 2- No Rio de Janeiro temos 28 comunidades quilombolas, onde apenas três conseguiram o título de propriedade coletiva das terras (Campinho, Santana e Preto Forro) a que se atribui essa dificuldade? Muitos processos forma abertos em 2004, 2005 e se encontram parados hoje.

Resposta: No RJ temos 18 processos liberados para trabalhar, dos quais 15 estão em andamento e apenas 3 parados por baixa prioridade. Há outros processos além destes 18 porém com algum tipo de impossibilidade, independente do Incra, para seguir.

- 3- Recentemente no mês de Março a Comunidade Quilombola Preto Forro localizada no município de Cabo Frio recebeu o título da terra onde residem. O processo desta comunidade estava no ITERJ por ter sido considerada terra do Estado. É mais fácil fazer a desapropriação da terra quando ela pertence ao Estado? Por quê?

Resposta: É mais fácil titular quando se trata de terra estadual, pois não precisa de processo de desapropriação, necessário apenas quando as terras são particulares.

- 4- Esta pesquisa se debruça especificamente sobre as dificuldades que as comunidades quilombolas enfrentam para a regularização fundiária de suas terras ainda hoje, apesar da legislação ter entrado e vigor há aproximadamente 24 anos. Como pesquisa de campo temos as comunidades quilombolas Sobara com processo aberto desde 2006 e Prodígio desde 2009. Especificamente sobre essas comunidades o que você poderia falar sobre as dificuldades enfrentadas para a regularização?

Resposta: Sobara ainda não se publicou o RTID apenas porque os quilombolas ainda não se decidiram quanto a quais terras reivindicam. Prodígio simplesmente desistiu da reivindicação.

Preferimos enviar as perguntas por e-mail, para que o responsável técnico não se sentisse pressionado a responder, e para evitarmos que ele desistisse de se posicionar. Percebemos na fala do entrevistado que ele atribui a falta de recurso, principalmente o pessoal um dos agentes dificultadores para o andamento dos processos. No entanto sobre as comunidades quilombolas especificamente pesquisadas, o que o entrevistado diz sobre os moradores de Sobara ainda não terem decidido que terras vão reivindicar não foi o que eu pude observar ao longo da pesquisa de campo, e eles nunca foram informados pelo INCRA dessa pendência. Os moradores de Prodígio em nenhum momento

disseram que desistiram da reivindicação, podemos observar a fala claramente em todas as entrevistas.

Diante disso, pretendemos ao fim deste trabalho repassar para as comunidades Sobara e Prodígio o posicionamento do INCRA frente aos seus respectivos processos.